

# MARTIN HEIDEGGER E MICHEL FOUCAULT

## “Sorgen”, “Selbst” e “Souci de Soi” na Constituição da Liberdade

MARTIN HEIDEGGER AND MICHEL FOUCAULT: “Sorgen”, “Selbst” and “Souci de Soi” in the  
Constitution of Freedom

Guilherme Roman Borges<sup>1</sup>

### Resumo:

A partir das primeiras leituras foucaultianas passando pelos capítulos da obra de Heidegger, enfatizando a problemática de liberdade, o trabalho procura entender, a liberdade desde os tempos clássicos, ao conceito atual, resgatando-a aos moldes de como os gregos a executavam.

Palavras-chave: Martin Heidegger. Michel Foucault.

### Abstract:

From the first Foucaultian readings, and passing by the chapters of Heidegger's work, and emphasizing the problem of justice, this text tries to explain freedom since the classic ages up to the present concept, rescuing freedom like ancient Greek people enforced it.

Keywords: Martin Heidegger. Michel Foucault.

## 1. As primeiras leituras foucaultianas e a “essencialidade” de Heidegger

Visualizar nas obras de Foucault o pensamento de Heidegger certamente não é uma tarefa tão simples quanto perceber suas raízes bachelardianas ou, sobretudo, nietzscheanas, entretanto, como o próprio intelectual francês afirmou um pouco antes de sua morte, numa entrevista, em 29 de maio de 1984, Heidegger lhe foi sempre um filósofo “essencial”<sup>1</sup> apesar de jamais lhe ter dedicado um artigo específico. Suas leituras sobre Heidegger já se iniciam no período da *École Normale Supérieure*, o que o

---

Doutor e Mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Sobre a questão da essencialidade de Heidegger em Foucault, convém ler excelentes artigos: FORST, Rainer. *Endlichkeit, Freiheit, Individualität: die Sorge um das selbst bei Heidegger und Foucault. Ethos der Moderne: Foucaults Kritik der Aufklärung.* (org. Eva Erdmann, Rainer Forst e Axel Honneth) Frankfurt: Campus Verlag, 1990, p. 146-186.; e TERNES, José. *Análitica da finitude: Kant, Heidegger, Foucault.* *Revista Filósofo*, Goiás, v. 3, n. 2, p. 47-59, jul./dez. 1998.; e numa perspectiva já outra anunciada: BERNAUER, James. *Por uma política do espírito de Heidegger a Arendt e Foucault.* *Revista Síntese: Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 21, n. 66, p. 319-336, jul./set. 1994.; e DREYFUS, Hubert L. *Sobre el ordenamiento de las cosas.* *El ser y el poder en Heidegger y en Foucault.* Michel Foucault, filósofo. Tradução Alberto Luis Bixio. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 87-104.

leva a apreender a língua alemã.<sup>2</sup> Anos mais tarde, numa entrevista concedida à revista *Les Nouvelles Littéraires*, publicada em 28 de junho de 1984, lembrará a importância de Heidegger sobre o seu devir filosófico. Nesse sentido, afirma: “*certamente, Heidegger sempre foi para mim um filósofo essencial*”<sup>3</sup> A importância também se verifica já enquanto aluno, quando Foucault assistia inúmeras vezes na Rue d’Ulm às aulas de Jean Beaufret, que foi o destinatário da *Carta sobre o Humanismo*.<sup>4</sup>

A relação a ser estabelecida entre Heidegger e Foucault pode se dar de diversas maneiras; muitos autores, com bem o faz Sandra Coelho Souza, em seu livro *A Ética de Michel Foucault: a Verdade, o Sujeito, a Experiência*<sup>5</sup> numa perspectiva essencialmente literária, a partir da concepção de autor, na constituição de uma ética ou, então, a partir da noção de *Mit-sein*, como vislumbra o ilustre professor Francisco Guerrero Ortigas em dois momentos: na obra *Amizade e Estética da Existência em Foucault* e num importante artigo intitulado *A questão da intersubjetividade em Michel Foucault*<sup>6</sup> Todavia, aprouve-se por melhor estabelecer uma relação mais profícua, que é aquela que se demonstra entre o conceito de cuidado em Heidegger, como *Sorge*, e a definição de “cuidado de si” expressa por Foucault, bem como em torno do conceito de liberdade como cuidado do comportamento no mundo.

## 2. Em torno do cuidado e da liberdade: o si e o ser-aí

Apesar das significativas diferenças entre o conceito foucaultiano de poder e as impressões heideggerianas, em princípio se poderia rejeitar qualquer aproximação entre os autores, todavia, havia dois temas que lhes despertaram a mesma atenção: a questão do cuidado de si, da administração de si; e a questão da liberdade. Ambos os autores, seja a explicação do “ser-aí” e seu cuidado no mundo para a consecução da liberdade, seja a explicação do “si” e o cuidado como requisitos para o bom uso dos prazeres e da temperança, bem como para o exercício das práticas de liberdade, aproximam-se numa significativa medida.

<sup>2</sup> ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 44.

<sup>3</sup> BARBEDETTE, Gilles; SCALA, André. *Le retour de la morale* (entretien avec Michel Foucault). In: DEFERT, Daniel; EWALD, François (Orgs.). *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994. v. 4. p. 696. “Certainement, Heidegger a toujours été pour moi le philosophe essentiel.” [trad. do autor]

<sup>4</sup> ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 46.

<sup>5</sup> SOUZA, Sandra Coelho de. *A ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência*. Belém: Cejup, 2000. 846 p.

<sup>6</sup> ORTEGA, Francisco Guerrero. A questão da intersubjetividade em Michel Foucault. *Revista Φιλοσοφος*, Goiás, v. 1, n. 2. p. 03-24, jul./dez. 1996.

O tema do cuidado ou da cura de si aparece em Heidegger, inicialmente no clássico *Sein und Zeit*, intrinsecamente ligado à realização do ser, da presença, e da existência. Por presença, não se deve entender a simples existência ou a manifestação material do ser humano, pelo *Dasein*, o ser-aí, o *etre-là*, o *esser-ci*, está-se falando no processo de constituição ontológica do homem. ser humano, humanidade. É na *presença* que o homem constrói o seu modo de ser. a sua existência. a sua história. A *presença* não é algo simplesmente dado que ainda possui de quebra a possibilidade de poder alguma coisa. Primariamente, ela é possibilidade de ser. Toda a *presença* é o que ela pode ser e o modo em que é a sua possibilidade. A possibilidade essencial da *presença* diz tudo, a possibilidade de ser para si mesma. em função de si mesma. Na compreensão. a *presença* projeta o seu ser para possibilidades. Esse ser para possibilidades, constitutivo da compreensão, é um poder-ser que repercute sobre a *presença* enquanto aberturas, mas que se ausenta de uma unidade.

Heidegger. no sexto capítulo de sua magistral obra, atenta-se especialmente ao tema do *Cuidado como ser da presença* [*Die Sorge als Sein des Daseins*].<sup>7</sup> Para o autor alemão. *Sorge* teria uma dupla definição: de um lado. seria a possibilidade de toda relação de se relacionar consigo próprio. de outro. seria a estrutura capaz de totalizar o ser-aí, bem como a unidade das estruturas. Se o ser-aí era apenas uma possibilidade, isto é, mera existência, mera compreensão e não menos que um projeto a ser realizado, colocado no mundo, seria necessário que essas três dimensões lhe tivessem uma unidade para o seu exercício. O cuidado, assim, é o modo como o ser se dá no mundo em sua totalidade. em sua cotidianidade da *presença*, é o modo de desentranhamento do ser da *presença*.<sup>8</sup>

Nesse sentido, o cuidado permite a correlação entre os seus domínios: o ser na existência. o ser na faticidade e o ser caído, isto é, representa a unidade de toda estrutura do ser-aí. Enquanto a metafísica anterior se preocupava em colocar a unidade das estruturas do ente no sujeito, na alma, no espírito. no eu, Heidegger se dedicou a repensar uma nova dimensão para que o ser-aí se compreendesse na sua totalidade, em que toda a sua estrutura ganhasse uma unidade: o cuidado.

Dessa maneira, o cuidado, e aí Heidegger não se distancia drasticamente de outros filósofos. não se trata de uma capacidade ou de uma habilidade do homem, mas exclusivamente uma estrutura formal, que o define na sua existência e na relação

<sup>7</sup> HEIDEGGER, Martin. *Sein und zeit*. Tradução Ser e tempo. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 13. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1976. 437p. v. 1. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, 325p. e Ser e tempo. (trad. Márcia de Sá Cavalcante) v. 2. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, 262p.

<sup>8</sup> Id. *Ibid.*, p. 182. "Dessen Sein enthüllt sich als die Sorge." [trad. br. Ser e .... p. 245. "Esse ser desentranha-se como *cura*"]

com os demais entes ônticos, por isso o cuidado é definido como uma estrutura ontológico-existencial do ser-aí; é a copertinência essencial da existência e da facticidade em relação à *presença*.<sup>9</sup> Para demonstrar a fundamentação pré-ontológica da *presença* a que se refere o cuidado, Heidegger examina especialmente a anedota latina de Higino. A história se refere ao *Cura*, que certa vez estava atravessando um rio e avistou um pequeno bloco de argila. Após alguns segundos, pegou esse bloco e começou a lhe dar forma, no entanto, não sabia direito o que gostaria de criar. Nesse instante, Júpiter se aproxima do rio e *Cura* lhe pede ajuda, para saber o que criava. Júpiter, de pronto deu espírito à sua coisa, mas lhe exigiu que lhe desse seu nome à sua criação. Ambos ficaram disputando sobre o nome a ser dado, já que havia sido *Cura* que o houvera criado e Júpiter que lhe houvera dado o espírito, nesse momento, a Terra se opõe na disputa e diz que lhe fosse dado o seu nome, já que ela é que havia dado a argila para conferir a substância da coisa. Como a disputa se prolongava, pediram para que Saturno intercedesse e desse a sentença definitiva. Saturno disse, então, que Júpiter, por haver lhe dado o espírito, o receberia na morte; que a terra, por haver lhe dado o corpo, receberia o corpo; e que o *Cura*, por haver lhe dado a forma, teria o direito sobre a coisa enquanto vivesse; quanto ao nome seria *Homo*, porque vindo da terra (*humus*).<sup>10</sup> Com essa fábula, Heidegger, ao demonstrar o fundamento pre-ontológico, leva à conclusão de que o homem seria formado de corpo e espírito, e o cuidado seria o responsável pelo ser-aí humano por toda sua existência. Nesse sentido, o ser-aí integrando o mundo, o ser-aí-no-mundo só seria realizável em virtude de seu cuidado, que, embora incompleto, já que é mera estrutura formal, também lhe dá possibilidade de seu tempo.

O cuidado em *Sein und Zeit* se apresenta como a estrutura formal ontológico-existencial do ser-aí, da *presença*, da possibilidade de realização no mundo do ser, mas também, apresenta-se como o responsável pelas manifestações do ser-no-mundo, sua identidade, seu domínio sobre o corpo e o espírito, a unidade da existência. Todavia, a questão em torno do cuidado e da afirmação do ser, aparece em Heidegger, talvez então até mais próximo das considerações foucaultianas, em seu célebre discurso proferido na solenidade de sua posse na Reitoria da Universidade de Friburgo de Brisgóvia, em 27 de maio de 1933, intitulado *Die Selbstbehauptung der deutschen Universität*.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> HEIDEGGER, Martin. *Sein und*, cit., p. 181. "Das Dasein existiert faktisch. Gefragt wird nach der ontologischen Einheit von Existenzialität und Faktizität, bzw. der wesenhaften Zugehörigkeit dieser zu jener." [trad. br. Ser e ..., p. 243. "A presença existe de fato. O que se questiona é a unidade ontológica da existencialidade e da facticidade, a copertinência essencial destas com relação àquela".]

<sup>10</sup> Id. *Ibid.*, p. 197-198. [trad. br. Ser e ..., p. 263-264.]

<sup>11</sup> Id. *Die Selbstbehauptung der deutschen universität*. Frankfurt am Main, Verlag Vittorio Klostermann, 1990, 21p.

Este texto, sem embargo todas as críticas que sofreu ao longo da história, por demonstrar claramente a ligação de Heidegger com o nazismo (relação esta que ficou comprovada por suas já consagradas frases, como: “A cultura não conta... olhe as suas admiráveis mãos” – referindo-se a Hitler – ou mesmo, “Não tome princípios e idéias como regra de seu ser. Só o Führer é ele mesmo a realidade e a lei da Alemanha de hoje e de amanhã”), traz no seu bojo filosófico algumas contribuições importantes. Em busca da *liberdade*, entende Heidegger, a despeito de seus obscuros ideais, que a única maneira de consegui-la, especialmente no âmbito institucional, tal como pretendia que o fosse na Universidade de Freiburg, seria que os indivíduos cuidassem de si, isto é, que a ‘administração-de-si’ [*Selbstverwaltung*] fizesse parte do cotidiano de suas vidas, e a própria Universidade se lhe constituísse uma administração de si. Nesse sentido, Heidegger, após discorrer brevemente sobre seu destino como reitor na referida Universidade, e, principalmente, sobre a sua necessidade de defender uma missão espiritual [*Auftrag geistigen*] na condução do destino do povo alemão e de sua história, envereda-se para questionar a *Selbstverwaltung*. De início, indaga-se se os professores e os alunos estariam completa e necessariamente enraizados na essência da universidade alemã, quer dizer, se essa essência teria uma força autêntica hábil a dar contornos ao seu *Dasein* e promover sua autonomia.

Por *Selbstverwaltung*, entende Heidegger que os indivíduos se devem dar a tarefa de, ao mesmo tempo, determinar os seus caminhos e o modo de sua realização, para que possam nela ser o que devem realmente ser. Nesse sentido, afirma que para ser, antes é preciso ter sobre si o próprio conhecimento, definido numa relação em direção ao futuro, quer dizer, para que se tenha a verdadeira capacidade da administração-de-si indispensável é que ocorra um repensar sobre seu *Dasein*. “A administração-de-si só é consistente quando fundamentada na reflexão sobre si”<sup>12</sup> Resgatando o *dever* da juventude, sob vestes políticas, insiste Heidegger de que a constituição desse *Dasein* próprio, deveria se fazer por uma juventude estudantil que cedo deveria se arriscar na idade adulta e expandir seus quereres sobre a sorte futura da Nação, obrigando-se a um serviço do saber, para que encontrem suas liberdades.

Nesse discurso da reitoria, enfrentando especificamente os problemas da universidade alemã em busca da essência da ciência, através dos três serviços: trabalho, militar e científico, Heidegger questiona que a única possibilidade de atingir o saber seria por meio de luta entre a vontade de essência do corpo docente, que se deveria fortalecer até alcançar a simplicidade e a amplitude do saber sobre a essência da ciência.

<sup>12</sup> HEIDEGGER, Martin. Die selbstbehauptung, cit., p. 2. “Selbstverwaltung besteht nur auf dem Grunde der Selbstbesinnung.” [trad. do autor]

e o corpo discente, que se deveria dirigir para alcançar a mais alta clareza e disciplina do saber, podendo, então, dar à ciência sobre o povo e seu Estado a forma da essência da ciência, de tal modo exigente e determinante.

Nesse compasso, apesar das significativas mudanças que devem ser operadas, o que ressalta na leitura heideggeriana neste pequeno ensaio é a necessidade da luta, do conflito como forma de encontrar uma saída para que a ciência se construísse na sua essência, para que as pessoas se constituíssem na sua legislação espiritual [*geistigen Gesetzgebung*], e para que os indivíduos e a própria instituição, cuidando de seu *Dasein*, afirmassem a si próprios, com vistas a uma livre “administração de si” Eis as palavras de Heidegger: “*Só a luta mantém aberta a oposição e implanta no todo da corporação de professores e alunos aquela determinação fundamental a partir da qual a afirmação-de-si, que é definitiva-de-si, autoriza a resoluta determinação de si, em vista de uma autêntica administração-de-si?*”<sup>13</sup>

Nesse sentido, o cuidado e a administração de si permitem que o ser exista em sua unidade do mundo, e alcance a sua liberdade. A liberdade em Heidegger deve ser pensada, a partir da capacidade que o ser tem em se abrir para as coisas que estão no mundo, e nesse sentido estaria relacionada a verdade que o ser desvela. Heidegger salienta em *Vom Wesen der Wahrheit* que o ser é livre e se abre às coisas de acordo com a espécie do ente, mas, sobretudo, pelo modo como se comporta. É o modo como o homem faz de sua *presença*, por seu trabalho e sua ação que se poder ver aberto ao mundo, e exercitar a sua liberdade. “*O comportamento está aberto ao ente. Toda relação que está aberta é comportamento. O estado de abertura do homem é sempre distinto, segundo a espécie do ente e o modo de comportamento. Todo trabalho e execução, toda ação e todo cálculo está e se mantém em aberto de um âmbito, dentro do qual o ente, no que é e como é, coloca-se propriamente e se torna expressável*”<sup>14</sup>

Nesse sentido, a *liberdade* para Heidegger não é simplesmente o entendimento comum colocado em circulação pelo homem, nem uma propriedade ou um direito (e aqui se aproxima na fundamentação que propicia a Sartre), tampouco a

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. *Die selbstbehauptung*, cit, p. 17. “Der Kampf allein hält den Gegensatz offen und pflanzt in die ganze Körperschaft von Lehrern und Schülern jene Grundstimmung, aus der heraus die sich begrenzende Selbstbehauptung die entschlossene Selbstbestimmung zur echten Selbstverwaltung ermächtigt!” [trad. do autor]

<sup>14</sup> Id. *De la esencia de la verdad*. Tradução N. Smilg; J. Rodríguez; M. J. Frápolli e J. A. Nicolás. In: NICOLÁS, Juan Antonio; FRÁPOLLI, María José. *Teorías de la verdad en el siglo XX*. Madrid: Tecnos, 1997. p. 405-406. “Él comportamient está abierto al ente. Toda relación que está abierta es comportamiento. El estado de apertura del hombre es siempre distinto, según la especie del ente y el modo de comportamiento. Todo trabajo y ejecución, toda acción y cálculo está y se mantiene en lo abierto de un ámbito, dentro del cual el ente, en lo que es y cómo es, se pone propiamente y se vulve representable”. [trad. do autor].

possibilidade para fazer ou deixar de fazer alguma coisa, não é negativa ou positiva, mas diz respeito ao modo como o homem se mostra como ente, nesse sentido: “*a liberdade antes que tudo isso é o compromisso com o desvelamento do ente como tal*”<sup>15</sup>

Seis anos após a publicação de *Vom Wesen der Wahrheit*, Heidegger torna público outro significativo texto, rediscutindo a questão da liberdade, intitulado *Vom Wesen des Grundes*. Nesse sentido, relaciona a *liberdade* com a transcendência do ser-aí, da *presença* e a coloca como o fundamento dos fundamentos. “*A liberdade como transcendência não é, contudo, apenas uma espécie particular de fundamento, mas a origem do fundamento em geral. Liberdade para o fundamento*”<sup>16</sup> E, adiante, quando questiona o tema em torno da problemática da verdade, afirma: “*A liberdade é o fundamento do fundamento*”<sup>17</sup>

O lugar de destaque à *liberdade* faz repensar a questão da verdade, como condição de sua existência. O comportamento aberto para a manifestação do ente se faz possível na conformidade de um enunciado com seu objeto, a razão da verdade. Todavia, sem ingressar diretamente no tema da verdade, para evitar desvios inoportunos, é preciso centrar-se na *liberdade* heideggeriana como a possibilidade de deixar-ser [*sein-lassen*] o ente, que este possa surgir para os outros e se revele em sua pureza. É a possibilidade de vinculação e obrigação e que permite o ser se projetar no mundo, ultrapassar-se e se fundar. A *liberdade* garante ao ser projetar suas possibilidades de si mesmo, que diante da privação e da revelação permite o ser-aí se relacionar, e se abrir ao mundo segundo seus comportamentos. Nesse sentido, a *liberdade* em Heidegger está relacionada à sua unidade da *presença*.

Nessa perspectiva, portanto, a idéia do cuidado e da administração-de-si, bem como da luta no campo político, a ver-se pelos estudantes e professores, estão presentes na obra heideggeriana, como requisitos indispensáveis para que o *Dasein* admitisse a constituição do sujeito e abrisse espaço para a *liberdade*. Do mesmo modo, a leitura foucaultina do cuidado de si, inspirado na tradição grega, traz significativas contribuições para aproximar Heidegger e Foucault, em torno de uma mesma problemática, resgatando-se, assim, a essencialidade do filósofo alemão. A questão da *liberdade* está presente no pensamento foucaultiano associada a outro tema de fundamental importância, que diz respeito ao cuidado de si. Apresenta-se na constituição

<sup>15</sup> HEIDEGGER, Martin. *De la esencia de la verdad*, cit., p. 409. “La libertad antes que todo esto es el compromiso, con el desvelamiento del ente como tal.” [trad. do autor.]

<sup>16</sup> Id. A essência do fundamento. (trad. Artur Morão) Lisboa: edições 70, 1988, p. 86-87. “Die Freiheit als Transzendenz ist jedoch nicht nur eine eigene ‘Art’ von Grund, sondern der Ursprung von Grund überhaupt. Freiheit ist Freiheit zum Grunde.” [trad. ed. bilingüe]

<sup>17</sup> Id. *Ibid.*, p. 104-105. “Die Freiheit ist der Grund des Grundes.” [trad. ed. bilingüe]

das práticas e na ética da amizade, como cuidado e tecnologia de si, como exercício indispensável para a constituição de sujeitos livres e autênticos.

Igualmente às considerações de Heidegger e suas formulações sobre a constituição do *Sorge*, bem como da necessidade da retomada da plena consciência e existência da *presença* do ser, isto é, de seu *Dasein*, expressada pelas teorizações acerca da *Selbstverwaltung*, como condição imprescindível para a *Freiheit*, as reflexões foucaultianas sobre o cuidado consigo mesmo parecem caminhar no mesmo sentido, quer dizer, o sentido em que a trajetória do percurso pelo completo domínio de si grego atinge os horizontes de uma constituição não-imanente e soberana, mas procedimental, exercitável e dinâmica. Esse espaço como movimento, esse *ethos* que leva ambos pensadores a se aproximarem e os tornarem cúmplices de um mesmo exercício filosófico crítico é a *liberdade*. É, pois, em torno da reflexão sobre a *liberdade*, ora como administração de si, ora como cuidado de si, que caminhos filosófico-políticos tão diversos, mas tão contíguos, às vezes, aproximam Martin Heidegger e Michel Foucault.

A reflexão crítica de Foucault sobre a *liberdade* passa, sem dúvida, pela problemática da constituição ética dos indivíduos, mas, indo um pouco além da mera constituição de um direito, que o legado contratualista deixou aos constitucionalistas modernos, vai ao nível de suas práticas, estas relacionadas diretamente com sua noção microfísica de poder. Por enquanto, entretanto, convém que se atenha ao tema exclusivo da liberdade, já que a relação entre o sujeito-poder em Foucault como resistência e o ser-poder em Heidegger, tal como afirma Michel Karkeits,<sup>18</sup> consoante demonstra a resenha de discussões realizadas no famoso encontro *Michel Foucault, Philosophe*, é inapropriada, e só pode ser realizada se se operar um salto gnoseológico impossível.

Se a problemática da *liberdade* aparecia em Heidegger como a possibilidade do ser no mundo, na escolha de seus comportamentos e dos entes no seu cuidado, em Foucault aparece sob vestes similares, que embora distantes nas arestas, nos limites, trazem a geometria intrínseca de seus fundamentos. A *liberdade* em Foucault adquire outros níveis: está relacionada ao cuidado de si, isto é, para que o indivíduo seja realmente livre, é indispensável que exerça sobre si um domínio, uma soberania, através do bom uso dos prazeres e da temperança, vez que a *liberdade* é uma ética, e se exercita através de práticas, práticas subjetivantes que conduzem o homem em sua vida.

Foucault também formula a constituição da *liberdade*, quando está analisando a ética sexual dos gregos, especialmente, quando elaboradas as exigências de uma *aphrodisia*, da *chresis* e da *enkruteia* como modulações singulares do

<sup>18</sup> Opinião exposta por Michel Karkeits após a conferência de Hubert Dreyfus e inserida anexa na resenha de discussões, ver: DREYFUS, Hubert L. Sobre el ordenamiento de las cosas. El ser y el poder en Heidegger y en Foucault. Michel Foucault, filósofo. Tradução Alberto Luis Bixio. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 103.



comportamento sexual em torno do bom uso dos prazeres, e não em torno do desejo, tal os cristãos. Nesse sentido, afirma que a *liberdade* no pensamento clássico, não seria tão somente como a existência de uma independência da *polis*, de tal modo que os cidadãos seriam por si mesmos elementos sem individualidade e, nem tampouco, interioridade.

Dessa maneira, a *liberdade* que seria necessário constituir e preservar seria aquela dos cidadãos no seu conjunto, mas, igual ou ainda mais importante, a *liberdade* para cada um, uma certa forma de relação do indivíduo para consigo. “É claro que a constituição da cidade, o caráter das leis, as formas de educação, a maneira pela qual os chefes se conduzem são fatores importantes para o comportamento dos cidadãos; mas, em troca, a liberdade dos indivíduos, entendida como o domínio que eles são capazes de exercer sobre si mesmos é indispensável a todos o Estado” Na mesma perspectiva, insiste Foucault: “A atitude do indivíduos em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade”<sup>19</sup>

É a partir desse resgate grego, que Foucault reformula o atual conceito de liberdade, e, defende que, o indivíduo que é capaz de se opor de maneira resistente ao domínio de seus prazeres e ao domínio de seus desejos, torna-se apto a encontrar sua liberdade, no domínio que exerce sobre os outros. Nesse sentido, Foucault cita os exemplo dos grandes tiranos, como Pisistrátides, de Atenas, e Periandro de Ambrácia, que por abusarem de seu próprio poder e de fazer violência, especialmente sexuais, sobre seus súditos, num claro exemplo de incapacidade de exercitar a temperança e do estrito poder sobre si na autoridade que exerce sobre os outros, demonstra a total ausência de domínio de si, e, portanto, de ser livre. Para fugir a essas formas de intemperança, que conduziram o homem grego no mau uso de seus prazeres, bem como para fugir do modo como os indivíduos atualmente mau exercitam sua resistência aos prazeres, Foucault defende que seria indispensável que existisse um domínio de si, uma forma de conduzir os indivíduos à soberania de si. Dessa maneira, pensar a *liberdade*, atualmente, seria retornado ao modo como os gregos a exercitavam, enquanto práticas, no modo como se vestiam, no modo como andavam, na calma como enfrentavam os problemas, nas práticas sexuais, etc.

São Paulo, setembro de 2006.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso*, cit., p. 74.

## Referências

- BARBEDETTE, Gilles; SCALA, André. Le retour de la morale (entretien avec Michel Foucault). In: EWALD, Daniel Defert et François. (Org.). *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994. v. 4, p. 696.
- BERNAUER, James. Por uma política do espírito de Heidegger a Arendt e Foucault. *Revista Síntese*, Nova Fase, Belo Horizonte, v. 21, n. 66, p. 319-336, jul./set. 1994.
- DREYFUS, Hubert L. *Sobre el ordenamiento de las cosas*. El ser y el poder en Heidegger y en Foucault. Michel Foucault, filósofo. Tradução Alberto Luis Bixio. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 87-104.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 351 p.
- FORST, Rainer. Endlichkeit, freiheit, individualität: die sorge um das selbst bei Heidegger und Foucault. *Ethos der Moderne: Foucaults Kritik der Aufklärung*. (org. Eva Erdmann, Rainer Forst e Axel Honneth) Frankfurt: Campus Verlag, 1990. p. 146-186.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 232 p.
- HEIDEGGER, Martin. *A essência do fundamento*. Tradução Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1988. p. 86-87.
- \_\_\_\_\_. De la esencia de la verdad. Tradução N. Smilg; J. Rodríguez; M. J. Frápolli e J. A. Nicolás. In: NICOLÁS, Juan Antonio; FRÁPOLLI, María José (orgs.). *Teorías de la verdad en el siglo XX*. Madrid: Tecnos, 1997. p. 405-406.
- \_\_\_\_\_. *Die selbstbehauptung der deutschen universität*. Frankfurt am Main, Verlag Vittorio Klostermann, 1990. 21 p.
- \_\_\_\_\_. *Sein und zeit*. 13 ed. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1976. 437 p.
- ORTEGA, Francisco Guerrero. A questão da intersubjetividade em Michel Foucault. *Revista Φιλοσοφος*, Goiás, v. 1, n. 2, p. 03-24, jul./dez. 1996.
- SOUZA, Sandra Coelho de. *A ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência*. Belém: Cejup, 2000. 846p.
- TERNES, José. Analítica da finitude: Kant, Heidegger, Foucault. *Revista Φιλοσοφος*. Goiás, v. 3, n. 2, p. 47-59, jul./dez. 1998.